



A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER

Antônio Matosinho de Sousa Júnior¹ (UFG)-PPGP-FE
Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues² (UFMT)

GT 11 – LINGUAGEM, DISCURSO E IDENTIDADES

RESUMO

Este trabalho apresenta-se como fruto parcial dos esforços investigativos no campo da Educação e Filosofia, desenvolvidos no âmbito da linguagem, com abordagem qualitativa na perspectiva da pesquisa bakhtiniana. Para tanto, procurar-se-á aqui, frente a fundamentação teórica em Mikhail M. Bakhtin, problematizar conceitualmente como o saber em sua diversidade e multidisciplinariedade é produzido. Ao trazer essa projeção ao ambiente acadêmico, objetiva-se favorecer a reflexão dos profissionais da educação acerca de como o saber pode ser construído e desconstruído nas relações sociais e pela linguagem. Para isso, uma apresentação teórica-metodológica será utilizada como base para refletir e convidar à análise do discurso, apropriando-se das mídias publicadas em rede como realidade material para uma breve análise do discurso. Este quadro teórico, é expresso na composição das vozes consonantes dos pesquisadores, como Faraco(2009), Fiorin(2016), Miotello(2016), Freitas(2002) e outros. Além disso, há de notar-se como a palavra se mostra enquanto elemento da expressão do diálogo inconcluso; bem como, as implicações da palavra na relação u/Outro, como possibilidade de criação ideológica e, portanto, capaz da produção da grande pluralidade dos saberes. Assim, consideramos aqui concretizados os objetivos antepostos, pois, os resultados ainda que incipientes apontam o quão fundamental é para os profissionais da educação refletir acerca de como o saber é produzido na relação social, na alteridade, pelo uso da linguagem que se mostra na palavra, dado sua neutralidade e, portanto, abertura para encher-se de ideologia formando as ideias, construindo os conceitos, gerando o conhecimento nas suas diversas manifestações. É no excedente da visão que o Eu e o Outro colaboram para o acabamento do saber.

Palavras-chave: Palavra. Alteridade. Mídias publicadas em rede. Criação ideológica. Produção do saber.

¹ Mestrando em Psicologia. Universidade Federal de Goiás (UFG)-PPGP-FE. E-mail: matosinho.anp@gmail.com:

² Ms. Em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: ale2007.8@hotmail.com:



INTRODUÇÃO

O presente texto procura apontar e analisar algumas vozes presentes em um recorte textual publicado na rede nos últimos dias, tencionando assim, elaborações acerca de como o conhecimento é produzido, como a realidade da linguagem possibilita construções e desconstruções do saber humano. Não ambiciona, porém, construir um aparato teórico de conclusões definitivas, antes, busca manter o mais próprio do espírito da investigação filosófica, ou seja, o incomodar-se e em tempo, provocar o(s) leitor(es) para as perspectivas de articulação entre a realidade da construção do saber com relações entre uma alteridade e a palavra, conforme o arcabouço teórico expresso anteriormente.

Para tanto, objetiva-se construir uma reflexão acerca da palavra como elemento historicamente construído e posto na relação social, que atende à comunicação e a neutralidade linguística na formação dos discursos, porque segundo Bakhtin (2014. P. 36) “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. É, pois, através da palavra que é possível construir os saberes, porque não se pode ter acesso a realidade das coisas tais como são, senão pela constante mediação da linguagem, que se revela obviamente, em suas múltiplas manifestações, haja vistas a complexidade desse fenômeno.

Para cumprir este objetivo, somado à construção teórica, será utilizada metodologicamente uma breve análise do discurso de um fragmento da realidade material para reflexão e o fazer refletir acerca da notícia de uma tentativa de homicídio por parte de uma mulher, indígena brasileira, que segundo consta, foi acusada em Mato Grosso de enterrar viva a própria bisneta.

Espera-se, portanto, conhecer um pouco da fertilidade do pensamento bakhtiniano, além de relacioná-lo com a possibilidade de colaboração entre os profissionais da educação que pensam em seus respectivos ambientes de trabalho a articulação entre a elaboração dos saberes, a realidade material que os cerca e o fenômeno da linguagem, para construir nos educandos uma cultura de crítica reflexiva.

DISCUSSÕES

Para se pensar um pouco a proposta deste trabalho, analisado à luz da concepção



bakhtiniana, é importante marcar e delimitar o que entendemos como saber. Pode-se conceber que o saber é antes um produto humano e, portanto, uma criação ideológica. Vale ressaltar que:

Nos textos do Círculo, a palavra **ideologia**³ é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção espiritual (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). (FARACO, 2009. p. 46).

Essa criação ideológica existe, porque posta na articulação entre as muitas vivências de cada subjetividade e variadas experiências que essas mesmas subjetividades compartilham nas relações sociais historicamente construídas. Assim, o saber em nossa ótica está circunscrito dentro dos problemas filosóficos da linguagem, perpassando a ideia de signo, de palavra e das relações interpessoais.

Enquanto produção humana, o saber se manifesta nos muitos conhecimentos. Há aqueles que temos acesso, e também aqueles outros que não temos - seja porque, dispostos em uma cultura específica, seja porque, cronologicamente distantes, ou aqueles que simplesmente se perderam -, destarte que esses conhecimentos se mostram nas ideias, nos pensamentos, nas proposições, nas análises, constituindo uma rica construção cognitiva, histórica e cultural da humanidade.

Contudo, o conhecimento enquanto manifestação do saber por meio das produções variadas, se apresenta fragmentado e muitas vezes não entendido enquanto uma unidade, mesmo no âmbito acadêmico universitário. Ainda que este texto possua um escopo particularmente teórico, gostaríamos de contribuir com a reflexão ao trazer uma ocorrência documental hodierna, mas que possui validade *per si* para provocação em todos os elementos que temos acesso na existência cotidiana e cada vez mais acelerada, a saber, as mídias em geral.

Pensando esse aspecto, evocamos aqui uma situação bastante polêmica e que causa estranhamento. O portal de informações da Rede Globo de Comunicações em Mato Grosso, o

³ Bakhtin pertencia a um pequeno círculo de intelectuais e de artistas entre os quais se encontravam Marc Chagall e o musicólogo Sollertinsky, amigo íntimo de Chostakovitch. Também fazia parte deste círculo um jovem professor do conservatório de Música de Vitebsk, V. N. Volochínov, e ainda P. N. Medviédiev, empregado de uma casa editora. (YAGUELLO, in BAKHTIN, 2014. p. 11)



G1 MT, vinculou neste dia 06 de junho de 2018, quarta-feira, a notícia acerca de uma tentativa de homicídio por parte de uma brasileira, mulher e índia, que segundo consta, enterrou a bisneta viva; o acontecido deu-se em uma tribo da região do município de Canarana/MT. A partir daí, houve uma proliferação de manifestações nas redes sociais, que demonstravam a indignação e comoção popular por aquela criança, em tempo que clamavam severas punições, das mais diversas naturezas à bisavó da criança.

Cabe aqui refletir, mesmo que brevemente, como a palavra em uma relação social produz um determinado conhecimento, e como esta produção pode ser construída e desconstruída por meio das mesmas relações interpessoais. Certamente, cabe à análise do discurso provocar a reflexão acerca dos dados apresentados, e claro, trazer outros elementos que não estão claramente postos, mas que estão também ali, que estão nas entrelinhas.

A cultura indígena da região do Vale do Araguaia matogrossense possui uma multiplicidade de povos, tribos, cada qual com seus costumes e tradições, que obviamente não convergem com a realidade do pensamento ocidental. Entre a práxis indígena daquela região estão os enterros de bebês no puerpério. As crianças prematuras, deficientes físicas, com distintas más-formações, gêmeos, e as que nascem e são dadas como mortas, não recebem as honrarias funerárias de um membro da aldeia, sendo imediatamente sepultadas por um ancião da tribo, normalmente algum familiar.

Ora, todos esses dados estão implícitos no relato, pois, ao afirmar que se trata de uma indígena, de determinada região específica, se afirma também que seu saber, como toda produção humana, está inserido dentro um construto ideológico. Portanto, não se pode negligenciar aí as reverberações histórico-culturais que determinam a produção dos valores que possibilitam o saber daquele povo.

Ainda com toda fragmentação que se apresenta no campo do saber, é preciso perceber que todo conhecimento que se constitui é parte do saber produzido, servindo-se de uma realidade comum, a linguagem. Daqui partimos, a fim de, pensar a possibilidade de colaboração dos profissionais da educação que têm o dever de refletir em seus ambientes de trabalho a articulação entre a elaboração dos saberes e a materialidade da língua, encontrando formas de configurar esse saber enquanto saber didático aos educandos.



1. SOBRE A PALAVRA

A palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, em outros termos, a palavra acompanha o saber em todas as suas manifestações. Portanto, o saber está sempre interligado com a linguagem.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência⁴. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2014. P. 36).

Na palavra encontra-se clara e distintamente, o elemento que autoriza toda criação ideológica, independente de qual seja. “[...] A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”. (BAKHTIN, 2014. p. 37). Pois, além de deter a pureza semiótica e também uma neutralidade, a palavra não precisa de outros meios para sua produção que não a relação entre humanos.

Portanto, a produção do saber abanca-se em boa medida nos atributos da palavra enquanto lugar privilegiado para construção e elaboração. A palavra que *per si* é produto, porque é elemento da linguagem; se mostra também como matéria produtiva, pois abre-se para toda forma de articulação dos conhecimentos existentes, bem como para a consolidação de novos conhecimentos.

É claro, há também limites para a palavra, pois enquanto produção humana, nem sempre é possível por seu uso dizer de uma determinada realidade, como Bakhtin e Volochínov afirmam:

É impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical ou uma representação pictórica. Um ritual religioso não pode ser inteiramente substituído por palavras. Nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano. Negar isso conduz ao racionalismo e ao simplismo mais grotescos. (BAKHTIN, 2014, p. 38).

Entretanto, trata-se aqui de possibilidade da interpretação e da compreensão, construindo refração ideológica do ser em processo de formação. Pois, embora não se possa

⁴ Grifos do autor.



substituir por palavras toda espécie de signos ideológicos específicos, estes mesmos de algum modo apoiam-se nelas ou por elas são acompanhados.

Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical. (BAKHTIN, 2014, p. 38).

Nesse sentido, entende-se que o signo é sempre um fragmento material da realidade que ele reflete. Assim, todo acontecimento humano, todo fenômeno que funciona como signo ideológico possui uma materialidade. Os signos - que podem ser objetos materiais ou não, como por exemplo, atividades de linguagem: as manifestações artísticas diversas, a fala ou a escrita, - adquirem função em determinados grupos sociais visto suas relações e a construção de sentido naquele conjunto da vida social. Isto garante uma dupla materialidade: materialidade como realidade física e materialidade como realidade significada para um determinado grupo, em um determinado contexto.

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. (MIOTELLO, In: Brait, 2016. P. 170).

A palavra, em um determinada grupo ou lugar sócio-histórico ganha atributos de signo ideológico. Deste modo, pode produzir uma nova realidade, pode gerar conhecimentos e edificar o saber.

Contudo, há ainda um outro elemento necessário a produção do saber, e que está posto já na palavra, na natureza de todo signo ideológico, pois sua existência consiste na materialização da comunicação. Nesse sentido, o espaço por excelência para desenvolvimento da interação verbal é a comunicação, que pressupõe uma alteridade, uma interpessoalidade, a relação Eu/Outro em Bakhtin.

Em verdade, não é possível, para a concepção bakhtiniana, uma compreensão mecânica ou um sistema acabado, pois, somente no ato responsável e responsivo, pode-se compreender e participar da comunicação, ou seja, de um diálogo. Sendo este a fidedigna forma da vida do homem, de sua



natureza dialógico-consciente.

A única forma adequada de **expressão verbal** da autêntica vida do homem é o **diálogo inconcluso**. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. (BAKHTIN, 2011. P. 348).

É preciso lembrar sempre que em Bakhtin não há acesso à realidade, ao menos de modo direto, senão mediado pela linguagem; o real só se apresenta semioticamente, ou seja, linguisticamente (cf. FIORIN, 2016. P. 22). “Não se nasce organismo biológico abstrato, mas se nasce camponês ou aristocrata, proletário ou burguês” (BAKHTIN, 1980, p. 34 apud FREITAS, 2002, p. 127). Isso indica que o homem só o é de fato na relação social. O dado da nascitura não atribui existência ao homem. O que assegura ao organismo biológico existência, o que torna o homem, homem, é a sua participação na realidade histórico-cultural. Tanto essa realidade, quanto as relações sociais que a compõem apenas são possíveis pela linguagem formada pela consciência.

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 2014. P. 34)

Em outras palavras, a linguagem, e portanto, o saber é integrada à vida humana, não podendo ser apreendida fora do contexto, fora de sua ligação com uma situação concreta (cf. FREITAS, 2002. P. 135).

2. A RELAÇÃO EU/OUTRO

Além da palavra, outro eixo indispensável para se pensar a produção do saber enquanto reflexão com aporte em Bakhtin, é a relação Eu/Outro. Partindo da eventicidade, compreende-se que há uma responsabilidade nos atos, uma vez que o agir humano é profundamente existencial. A responsabilidade nos atos, constitui uma perspectiva unitária que é percebida naquilo que é vivido e experimentado.

Dentro desse aspecto, pode-se inferir que os conhecimentos obtidos ao longo da



história só existem porque estão marcados profundamente pelas relações sociais e estão constantemente perpassados pela figura do outro e, portanto, pressupõe alteridade; pressupõe um complexo de ações postas em inter-relação.

No entanto, essa inter-relação não significa que um sujeito não seja inteiramente autônomo, apenas diz de sua não possibilidade de independência, pois, necessita do outro para compor seu acabamento. Esse acabamento é sempre composto pelo “excedente” da visão de cada sujeito; isto fica mais evidente na seguinte passagem, quando Bakhtin afirma:

Esse **excedente** da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – **excedente** sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2011. p. 21)

Conforme o autor aponta, o excedente da visão do sujeito é sempre a possibilidade de acabamento. O lugar de cada ‘eu’ é insubstituível, porque uma vez carente e não concluso, manifesta o seu estar em processo, que é o próprio existir, é atuação do sujeito no meio, nos diversos momentos da existência, da consciência que produz conhecimentos temporários, é verdade, mas completamente válidos porque situados dentro de uma temporalidade que o determina de certa forma.

De acordo com Bakhtin (2010, p. 63) até mesmo as renúncias que são feitas de maneira responsável, não se tornam alheias ao sujeito, e ao mundo o qual está inserido. Antes, o ‘eu’ está todo ali, onde o outro não pode decidir nem realizar nada, a não ser ele mesmo; isso porque, sendo cada sujeito único, suas ações constroem sentidos na sua existência, mesmo no agir de abnegação.

É evidente que a relação eu/outro em Bakhtin, mostra-se no discurso, que é a composição das variadas relações sociais através da linguagem. E é principalmente na palavra, dado a sua plasticidade, que se formam os discursos, que uma vez organizados produzem o saber. Pois, a palavra, conforme bem indica Stella (in Braint, 2016. p. 179) pode assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece num enunciado concreto. No ato do discurso, são refletidas as realidades imediatas, além de emergir nas entrelinhas as realidades refratadas, ou seja, as outras vozes que compõem o discurso, que o

sustentam, embora não



apareçam de modo imediato.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é território como do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2014. p. 117).

Assim, a experiência discursiva de cada pessoa, de cada grupo social, na produção de cada novo conhecimento, na interpelação pelo saber, forma-se e desenvolve-se na constante interação entre indivíduos. Segundo Ponzio (2016. p. 203) a alteridade se encontra no interior do sujeito, do eu, que coincide com a relação dialógica Eu-Outro. Portanto, o discurso do sujeito, de um 'eu', só se constitui na relação com outros enunciados, com discursos de outros 'eus'.

Não existe nenhum privilégio ontológico da consciência do eu, dado que a consciência é inseparável da linguagem, e a linguagem é de outros antes que se converta em "própria", antes que se identifique com a própria consciência e expresse as próprias intenções, o próprio ponto de vista. (PONZIO, 2016. p. 203)

Trata-se de um empreendimento que não é ontológico, que não está vinculado ao ser. A alteridade aqui é entendida como não relativa, ou seja, embora constituam-se nas relações sociais, o 'eu' e o 'outro' existem por si. Desta forma pode-se compreender em que dimensão o discurso de cada área do conhecimento se relaciona, já que o autor e o interlocutor apreendem sentidos diferentes no mesmo signo expresso, visto que se relacionam, mas não são relativos.

Foi a partir dessa concepção dialógica da linguagem que Bakhtin afirmou sua verdadeira substância, constituída pelo fenômeno social da interação verbal. O centro organizador e formador do saber não está no interior do indivíduo, mas sim fora dele, na própria interação verbal.

Neste processo, o educando vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso e, ao mesmo tempo, suas relações inter-sociais dialógicas de concordância ou discordância em relação as mesmas vozes



compõem a novidade da produção literária, científica, acadêmica, cultural.

Assim, pode-se perceber como a palavra é um elemento historicamente construído pelas relações sociais, e ao mesmo tempo carrega a potência de produtora de novos saberes por essas mesmas relações de alteridade. Pela palavra, pelo diálogo e logo, a relação Eu/Outro – que não esvazia a subjetividade do sujeito, mas o faz autor em processo -, que compreendemos como os discursos ideológicos podem produzir o conhecimento inconcluso, que é sempre uma face historicamente situada do saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O disparador desta discussão, a questão das mídias e a relação com a produção do saber, mostra-se como rico espaço de reflexão. As mídias representam cada dia mais uma potência de produção de informações, determinando novos saberes, novos conceitos e elaborações. Essas informações articuladas segundo interesses ideologicamente situados convergem com as generalizações apressadas, influenciam o discurso dos indivíduos e dos grupos sociais que esses mesmos sujeitos estão inseridos, criam falácias e assim, ocasionam fenômenos como o discurso de ódio referente a toda forma de diversidade.

Consideramos aqui, o quão fundamental é para os profissionais da educação refletir acerca de como o saber é produzido na relação social, na alteridade, pelo uso da linguagem que se mostra na palavra, dado sua neutralidade e, portanto, abertura para encher-se de ideologia formando as ideias, construindo os conceitos, gerando conhecimento nas suas diversas manifestações. É no excedente da visão que Eu e o Outro colaboramos para o acabamento do saber, uma vez que o conhecimento é sempre transitório, repleto de realidades que outrora verdadeiras esperam ser falseadas e reelaborados em novas verdades.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes,



2011.

FARACO, Carlo Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 2002. Pp. 117-153.

<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/bisavo-e-pres-a-suspeita-de-enterrar-india-recem-nascida-ao-supor-que-estivesse-morta-em-mt.ghtml> <acesso em: 06/06/2018>

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beht. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016. pp.167-176.

PONZIO, Augusto. **A revolução de bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. 2ª ed. São Paul: Contexto, 2016.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beht. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016. pp. 177-190.

YAGUELLO, Marina. In BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.